

# Escritoras oitocentistas: Isabel Gondim e Anna Ribeiro

Maria Arisnete Câmara de Moraes\*

Todos nós julgamos a História  
quando apenas escrevemos para a História.

(Luís da Câmara Cascudo, 1999)

## Resumo

A proposta deste artigo é analisar as prescrições da boa leitura e os manuais de conduta que regulam os modos de ser nas relações entre os sexos durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX. Estabeleço interlocução com a norte-rio-grandense Isabel Gondim (1839-1933) e a baiana Anna Ribeiro (1843-1930), que imprimiram suas convicções e maneiras de pensar sobre a educação e a literatura oitocentista. O objetivo é a apreciação do livro *Reflexões às minhas alunas* (1910), de Isabel Gondim, repleto de orientações ao sexo feminino em todas as fases da vida. O outro é o texto *O romance – às senhoras portuguesas e brasileiras*, da escritora Anna Ribeiro, publicação do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1885), no qual ela adverte para o perigo dessas leituras de conteúdo duvidoso: os romances. A característica das duas escritoras é o zelo na preservação da moral católica da jovem para quem se dirigiam todos esses cuidados. Ambas, nos respectivos espaços social e geográfico, escreveram livros e se contrapuseram à idéia reinante de que a mulher brasileira, do período em análise, vivia alheia à realidade política e social do País.

**Palavras-chave:** História da educação – Literatura – Gênero – Mulheres.

---

\* Doutora em Educação pela Unicamp/SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora do CNPq, lidera o Grupo de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais.  
E-mail: maria.arisnete@pq.cnpq.br.

# Writers of the 19<sup>th</sup> century, Isabel Gondim and Anna Ribeiro

## Abstract

This article intends to analyze the good reading prescriptions and the manuals of behavior that ruled gender relations during the last decades of the 19<sup>th</sup> century and the first decades of the 20<sup>th</sup> century. Here, I try to establish a dialogue between writer Isabel Gondim (1839-1933), from the state of Rio Grande do Norte, and writer Anna Ribeiro (1843-1930), from the state of Bahia. They pressed their convictions about education and their contemporary literature. The purpose of this article is to understand and compare *Reflexões às minhas alunas* [*Reflections to my students*] (1910), by Isabel Gondim, and the text *O romance – às senhoras portuguesas e brasileiras* [*The novel – to the Portuguese and Brazilian ladies*] (1885), by Anna Ribeiro. The first one is a guide to women behavior along all their ages, and the second one was published in the *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1885) and advises about the danger of doubtful readings: novels. These two writers' common aspect is the care to preserve the Catholic morality in young women. Both of them, each one in its own geographical and social space, wrote and published books proving that, in opposition to common sense beliefs, during the period under analysis, Brazilian women did not live foreign and parted from social and political realities.

**Keywords:** History of education – Literature – Gender – Women.

## Escritoras del siglo XIX: Isabel Gondim y Anna Ribeiro

### Resumen

La propuesta de este artículo es analizar las prescripciones de la buena lectura y de los manuales de conducta que regulan los modos de ser en las relaciones entre los sexos durante las últimas décadas del siglo XIX y principio del siglo XX. Establezco interlocución con la *norte-rio-grandense* Isabel Gondim (1839-1933) y la *baiana* Anna Ribeiro (1843-1930), que han impreso sus convicciones y modos de pensar sobre la educación y la literatura del siglo XIX. El objetivo es la apreciación del libro *Reflexões às*

*minhas alunas* [*Reflexiones a mis alumnas*] (1910), de Isabel Gondim, repleto de orientaciones al sexo femenino en todas sus fases de vida. El otro es el texto *O romance – às senhoras portuguesas e brasileiras* [*Las novelas – a las señoras portuguesas y brasileñas*], de la escritora Anna Ribeiro, publicación del *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1885), en lo cual ella advierte para el riesgo de esas lecturas de contenido dudoso: las novelas. La característica de las dos escritoras es el celo en la preservación de la moral católica de la joven a quien se dirigían todos esos cuidados. Ambas, en sus respectivos espacios social y geográfico, han escrito libros y se han contrapuesto a la idea reinante de que la mujer brasileña, de lo período bajo análisis, vivía ajena a la realidad política y social del país.

**Palabras-clave:** Historia de la educación – Literatura – Género – Mujeres.

## Anna Ribeiro e Isabel Gondim, as escritoras

A proposta deste artigo é analisar as prescrições da boa leitura e os manuais de conduta que regulam os modos de ser nas relações de poder entre os sexos durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX. Para tanto, estabeleço interlocução com duas escritoras: Isabel Urbana de Albuquerque Gondim e Anna Ribeiro de Góes Bittencourt.

Isabel Gondim nasceu em 5 de julho de 1839, na Vila Imperial de Papari, hoje município de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte. Faleceu em 10 de junho de 1933, em Natal. Era celibatária — “jamais tomei estado”, conforme ela mesma afirma — e dedicou-se inteiramente à tarefa de educar gerações. Essa dedicação ao magistério rendeu-lhe a transferência da casa de campo para Natal e tornou-se uma referência de educadora, no seu vasto convívio intelectual.

Anna Ribeiro nasceu em 31 de janeiro de 1843, na Fazenda Mocambo, no município de Itapicuru / Bahia e faleceu em 1930. Casou-se, em 1865, aos 22 anos, com o então estudante de Medicina Sócrates de Araújo Bittencourt. Viveu entre a realidade do campo — nos engenhos da família — e a de Salvador. Desdobrava-se entre suas atribuições de esposa, os cuidados com o pai doente e a educação de seus três filhos. Talvez por isso, entrou tardiamente no mundo da literatura, em 1880. Levou para

o casamento o propósito de “viver bem com o marido, ter paciência com os seus defeitos e não ouvir intrigas, qualidades que conservou em toda a sua vida” (CABRAL, s/d, p. 27-28).

Foram mulheres que, sem alarde, transpuseram barreiras e conquistaram espaço no mundo das letras. Publicaram artigos no jornal, escreveram romances. Leram bastante, o suficiente para emitir opiniões acerca das leituras iniciáticas para as meninas-moças que despontavam na sociedade. Escritoras nordestinas, contemporâneas, pertencem à mesma geração da primeira metade do século XIX. Isabel Gondim, quatro anos mais velha, morreu aos 94 anos, e a baiana morreu, aos 87. Ambas longevas. Debruçaram-se sobre a linguagem como ferramenta para refletir a respeito da literatura, manual de conduta e educação da jovem oitocentista.

Criaram-se fora do bulício dos grandes acontecimentos da Corte Imperial, embora pertencessem a famílias de destaque na sociedade; Isabel Gondim, no Sítio Ribeiro, “no retiro de modesta e aprazível casa de campo”, no Rio Grande do Norte. Nesse ambiente, tomou por distração a leitura, “a acanhada literatura” que lhe podia ser acessível (GONDIM 1933, p. 3).

Anna Ribeiro criou-se no Engenho Api, Recôncavo Baiano, onde aprendeu as primeiras letras com sua mãe; tinha à sua disposição livros pertencentes à hóspede e amiga Emília, que permaneceu em sua casa até contrair matrimônio. Data desse período o seu contato com a literatura francesa e portuguesa, que viria influenciar suas análises futuras acerca da leitura de romances para senhoras brasileiras e portuguesas.

Minha avó aproveitou, extraordinariamente, com a estada de Emília em sua casa. Aprendeu com ela português e francês, leu os clássicos franceses e portugueses que faziam parte da bagagem de Emília, e como tinha excelente memória, sabia de cor páginas inteiras de Fenelon, Herculano e outros clássicos portugueses. Lembro-me dela recitar páginas de *Telemaque* e de *Eurico, o presbítero*, para nossa admiração (CABRAL, s/d, p. 22).

As duas escritoras são pioneiras em suas respectivas cidades. Anna Ribeiro foi a primeira romancista baiana “num período em

que o cânone literário baiano e brasileiro era dominado por homens” (OLIVEIRA, 2008, p. 22). Isabel Gondim, por seu turno, foi a primeira mulher a entrar para o quadro de sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 1928, já octogenária.

Essas escritoras testemunharam mudanças profundas na sociedade brasileira. Nasceram e viveram durante o período da escravidão. Participaram da sociedade de corte e da republicana. Presenciaram o regime escravocrata ser, paulatinamente, abolido e a República, instaurada. Foram contemporâneas da construção do Estado brasileiro enquanto nação e morreram na década da Revolução de 1930. Isabel Gondim, em 1933, e Anna Ribeiro, em 1930.

Uma e outra se espelharam nas narrativas que ouviam, nos longos serões do campo, para escrever sobre acontecimentos cujas figuras principais eram seus ascendentes. Isabel Gondim escreveu, em 1892, *Sedição de 1817 na capitania ora Estado do Rio Grande do Norte*, identificando diversos antepassados seus com os acontecimentos revolucionários de 1817, na então capitania do Rio Grande do Norte. Baseou-se em “testemunhos insuspeitos de contemporâneos da época, a quem teve ocasião de ouvir em palestras familiares, dentre estes alguns que colaboraram na sedição e arrostaram-lhe as conseqüências, como foi o capitão-mor André de Albuquerque Maranhão” (GONDIM, 1908, p. 7).

Anna Ribeiro escreveu sobre seus antepassados, entre eles seu avô major Pedro Ribeiro de Araújo, “com o objetivo de resgatar sua participação na campanha da independência que, a seu ver, fora subestimado pelos cronistas da época” (BITTENCOURT, 1992c, p. 2). Desfilam nestas memórias a saga de uma família, desde a história dos filhos, netos e bisnetos à rede de alianças por meio de casamentos e relações sociais, no tempo do Brasil Colônia.

Ela desprezava a mulher desonesta; nada justificava a má conduta. Cultivava os valores morais “honra para os homens, honestidade para as mulheres, as virtudes femininas, a caridade acima de todas” (CABRAL, s/d, p. 22-23). Por isso, no entendimento de Anna Ribeiro, os sonetos de sua autoria *Caridade e Amor materno* são suas melhores poesias. Sua neta Anna Mariani Bittencourt de Cabral relembra que antes de seu casamento re-

cebeu conselhos admiráveis de sua avó Anna Ribeiro. “Minha mãe e minha tia achavam que ela era até um tanto avançada em assuntos de sexo. Entretanto, achava que a educação e os exemplos eram um freio para o comportamento das mulheres (CABRAL, s/d, p. 25).

Por seu turno, a preocupação maior de Isabel Gondim era com a educação. As conversas edificantes e os conselhos salutares faziam parte de seu vocabulário. Dirigia-se às jovens alunas, seu público preferido, com o intuito de orientá-las para a vida adulta. Professora e escritora, durante seu longo viver, escreveu bastante, com produção em diversas áreas do conhecimento, como a História, a Literatura, a Dramaturgia e a Educação. São exemplos de sua atividade intelectual: *O preceptor* (1923), pequeno poema consagrado à educação escolar; *Reflexões às minhas alunas* (1874, 1879, 1910), destinado à educação nas escolas primárias do sexo feminino; *O Brasil: poema histórico do país* (1913), com traços históricos do país em todas as principais fases políticas; *O sacrifício do amor* (1909), drama em cinco atos, narra episódios da Guerra do Paraguai, em propaganda sobre a moralidade de nossos teatros; *Sedição de 1817 na capitania ora Estado do Rio Grande do Norte* (1908), no qual fornece subsídios para a compreensão do movimento revolucionário que pretendia a independência do Brasil e a implantação de um regime republicano; *Elementos de educação escolar: para uso nas escolas primárias de um e outro sexo* (1885), que não foi publicado. *A lira singela* (1933), coletânea de poemas. Entre eles *O meu retrato* (p. 23), no qual mostra à posteridade como se percebe aos 24 anos de idade.

Morena. Rósea tez macia e fina;  
Estatura mean, busto delgado;  
O corrido cabelo acastanhado  
Com a sobranceira e os olhos se combina.  
No andar a singeleza predomina.  
O talhe esbelto, o porte concentrado;  
Pescoço alto; nariz rosto tirado;  
na terna voz frescura cristalina.

Lábio rosado, a cor viva e segura,  
A fronte larga e alta, a boca estreita;  
As mãos... assim; sadia dentadura.

Aos preconceitos do tempo pouco afeita:  
Eis esboçada aqui minha figura,  
Não sei se verdadeira ou contrafeita.

O historiador Luís da Câmara Cascudo faz uma homenagem póstuma a Isabel Gondim. Ele sempre admirava a velha e obstinada escritora, num misto de curiosidade e de assombro. “Foi o tipo completo da velha mestra, sisuda e austera, divulgando regras, tão pura em suas atitudes quanto exigente no código de sua polidez aristocrática” (CASCUDO, 1934, p. 1).

Anna Mariani Bittencourt Cabral descreve sua avó Anna Ribeiro por meio de seus olhos ainda infantis:

Quando cheguei à idade da razão, ela já era uma senhora idosa, magra, alva, de cabelos grisalhos. Tinha extrema preocupação em conservar-se esbelta, sem gordura excessiva, pois não admirava certas senhoras, suas parentas, opulentas matronas, que andavam arrastando os pés e que faziam cair os cavalos com seu peso, quando visitavam os parentes vizinhos. Minha avó tinha os traços finos e muita dignidade na maneira de apresentar-se aos que com ela se relacionavam (CABRAL, s.d., p. 10).

Ser escritora era a vocação de Anna Ribeiro; embora tivesse uma moléstia nos olhos que a perseguiu por toda a vida, agravada com sua miopia, “nunca, entretanto, se adaptou com os óculos e lia com o livro encostado ao rosto” (CABRAL, s.ed., p. 25). Somente aos 20 anos conseguiria ter uma vida normal. Quando a doença se agravava, permanecia por dias presa num quarto escuro, pois não suportava a luz. Desse tempo, adquiriu o hábito de falar sozinha, andando e declamando em voz alta. Desde cedo sabia de cor páginas inteiras de clássicos da literatura portuguesa e francesa.

Ela estréia nas letras em 1880, depois de criar seus três filhos, aos 37 anos, com poemas e artigos publicados na *Gazeta de Notícias*, jornal diário de Salvador, no periódico *A Verdade*, que circulava em Alagoinhas/BA, e no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Dedicou-se à escrita de textos moralizadores e de romances, como a *Filha de Jephthé* (1882), baseado na personagem do

Antigo Testamento, que ofereceu sua filha em holocausto. Este livro foi sua primeira produção literária, impressa na Tipografia A Rua da Alfândega, n. 31. Em seguida, surge *Letícia* (1908), impresso na Litografia, Tipografia e Encadernação Reis & C., “únicos a serem impressos em volumes. Os outros romances e contos eram publicados nos rodapés dos jornais, e, depois, recortava-os e colava-os em livros de folhas brancas”. São palavras de sua neta Anna Mariani Bittencourt Cabral, no prefácio ao livro *Contos*, que ainda é inédito (CABRAL, s.d, p. 32).

Anna Ribeiro escreveu *Anjo do perdão* (1885), publicado em capítulos diários na *Gazeta de Notícias da Bahia*. Com esta publicação, seu universo de leitores ampliou-se. Este romance é ambientado no Recôncavo Baiano e descreve costumes e relações sociais da época. No romance *Helena* (1901), utilizou a campanha da Independência de 1822-1823 como pretexto para uma trama de intrigas. Surge *Abigail* (1921), baseado na Sagrada Escritura e publicado em capítulos no *Diário da Bahia*. Enfim, o romance *Suzana*, que escreveu com quase oitenta anos, sobre a temática urbana, mas não chegou ao público. “Descreve minuciosamente lugares, costumes e festejos típicos de Salvador, entre os quais o do Dois de Julho, data da independência da Bahia, que servem de fundo para uma ingênua história de amor, cheia, como sempre, de ensinamentos morais” (BITTENCOURT, 1992c, p. 6-7).

Anna Ribeiro colaborou, entre 1910 e 1917, com a revista católica *A Paladina do Lar*, considerada “a primeira revista feminina da Bahia na nascente República” (LEITE, 2005, p. 176). Colaborou, ainda, com *O Mensageiro da Fé* e *A Voz* — órgão da Liga Católica das Senhoras Brasileiras. “Ela me fez colecionar os artigos e colá-los num livro em branco e guardo esse caderno como uma relíquia” (CABRAL, s.d, p. 40).

Com a proximidade do cinquentenário da morte da escritora, a família editou suas memórias em 1992 sob o título *Longos serões no campo*, que constitui um retrato da vida cotidiana do interior baiano do século XIX. A obra divide-se em dois volumes, com notas esclarecedoras e introdução de Maria Clara Mariani Bittencourt, que permitem reconstituir o contexto no qual se desenrola a narrativa. O primeiro trata da história de seus ancestrais



até chegar a seu avô, o major Pedro Ribeiro; o segundo volume dedica-se às reminiscências de sua infância e juventude.

Como crítico do seu primeiro romance, existe uma carta do Visconde Taunay, escrita para o amigo da família Inocêncio Góes, incentivador das produções literárias da futura escritora. “Fiz o que você me pediu, o elogio do livro; entretanto, a autora denota grandes qualidades, deve procurar assuntos mais simples e que falem à sensibilidade do nosso povo” (CABRAL, s.d., p. 32).

A influência da literatura na vida de Anna Ribeiro foi marcante, embora neste artigo não haja a preocupação em fazer um inventário completo de sua biblioteca, livros ou artigos que ela publicou. Reside na análise das suas indicações de leitura para a jovem oitocentista, adentrando o século XIX, registradas no artigo *O Romance – às senhoras portuguesas e brasileiras* (BITTEN-COURT, 1885).

## Reflexões às minhas alunas

De início, debruço-me sobre o livro *Reflexões às minhas alunas* (1910), para a leitura nas escolas primárias do sexo feminino, oferecidas ao governo do Brasil por Isabel Gondim. Este livro teve bastante aceitação de público, considerando o número das edições como parâmetro de julgamento. A primeira edição foi publicada no Rio de Janeiro, em 1874, e a segunda, com uma tiragem de 5 mil exemplares, foi editada também no Rio de Janeiro, pela Tipografia Popular, em 1879. A terceira edição foi impressa em Natal, pela Tipografia A. Leite, em 1910. O conteúdo aplicado a determinados usos específicos justifica, talvez, sua popularidade. Na presente análise, refiro-me sempre à edição de 1910.

A escritora orienta as jovens sobre noções básicas do convívio em sociedade e mostra, entre outros, os deveres para com Deus, para consigo mesma e com seus semelhantes, seus pais e pessoas da família; enaltece a virtude, que consiste em fazer o bem sem esperança de recompensa; a civilidade, que significa atenção obsequiosa, o que é sinal característico de boa educação, delicadeza e urbanidade em favor de quem a pratica. A civilidade revela-se nas palavras, nas ações e nos movimentos.

No seu ponto de vista, a educação “é a formação do homem. Seu fim é torná-lo membro útil e feliz na sociedade. Seu objeto, formar o corpo, o coração e o espírito do educando” (GONDIM, 1885, p. 7). Com essa convicção, dedica-se inteiramente à tarefa de educar gerações. Ao assumir o cargo de professora primária em Natal, ela declara que circunstâncias especiais levaram-na a afrontar as árduas e graves ocupações do magistério público, abstraindo-se de tudo que não fosse concernente à sua profissão.

Um exemplo dessa dedicação ao magistério é o já referido livro *Reflexões às minhas alunas*, que ela escreveu em plena atividade docente. Tinha quase 35 anos de idade quando do surgimento da primeira edição, em 1874. Entretanto, torna-se difícil registrar quando a professora deixa o cenário pedagógico e entram em cena a escritora e a historiadora.

Neste livro, Isabel Gondim oferece às moças alguns conselhos de como se portar na sociedade, por meio de atitudes e comportamentos dignos de uma jovem bem-educada. É um manual de conduta, repleto de orientações ao sexo feminino, e aborda temas como: a menina escolar, a moça em sua puberdade, a moça em sua juventude ou nubilidadade, a mulher casada e a mulher mãe. Para todas essas fases da vida da mulher, a escritora faz reflexões especiais.

Para a menina escolar, ela lembra que a sociedade comumente tributa às virtudes um culto de respeito e de veneração, considerando-as rigoroso dever. A candura e a inocência são os principais atributos dessa quadra de encantos. O conhecimento e o amor a Deus realçam os atrativos dessa pouca idade. Ela pede às alunas que escutem as suas reflexões, pois só quer instruí-las, encaminhá-las à virtude de valor inestimável. “Sede virtuosas, minhas filhas, e tereis o justo apreço do vosso procedimento, o qual será devidamente considerado das pessoas criteriosas que o possam divisar” (GONDIM, 1910, p. 21). Abster-se de quaisquer distrações durante os trabalhos escolares e não descuidar em nenhum momento do que concerne à educação. Aproveitar esse precioso tempo é fundamental nessa etapa da vida.

O asseio, a preocupação com a aparência, também são aspectos em destaque. Não se apresentar na escola com vestidos em

desalinho e enodoados de tinta ou de qualquer outra coisa que os enxovalhe. Unhas aparadas e limpas, ter o cuidado em tudo que constitui a higiene, que não consiste na riqueza e elegância dos vestidos, perfumes e jóias. Ressalta que não é necessário empregar demasiado tempo em vestir-se, mas o asseio e a higiene do corpo, da roupa e do aposento devem merecer atenção.

Para as moças em sua puberdade ela tem um conselho específico dirigido àquelas que no entender dos pais, havendo completado a educação escolar, se recolhem ao lar doméstico: “Buscar o cultivo das belas artes, especialmente a música que exerce tão poderosa influência sobre a nossa alma e se opõe à rudeza do trato, assim como aos maus instintos” (GONDIM 1910, p. 24). Além da música, a moça deve cultivar as línguas estrangeiras, como a italiana, a inglesa, a alemã e, especialmente, a francesa, em que estão escritas excelentes obras da literatura, ciência e educação. A leitura de bons livros está entre as suas reflexões. A moça deve se acercar de cuidados para não ler obras consideradas perniciosas.

Os romances realistas são “incendiários do coração da mocidade, cujas paixões dissimuladamente exaltam por meio das fantásticas criações de personagens desmoralizados postos em evidência, sob as mais belas e atraentes formas” (GONDIM, 1910, p. 25). Antes de empreender a leitura de obras desse gênero, a moça deve ouvir a opinião de pessoas sensatas. Talvez a opinião dela própria, a escritora Isabel Gondim.

Salienta que a mulher tem necessidade de habituar-se à vida sedentária, uma vez que se destina a passar o maior tempo em casa, “onde é impróprio da boa educação estar ela sempre de pé, à janela, ou andando de um para o outro lado” (GONDIM, 1910, p. 27). Em casa, a jovem não deve escolher um lugar nem pouco recatado nem assento brando como a rede. A rede influi consideravelmente nos órgãos que constituem nosso corpo, trazem fraqueza ou inação quando dela nos servimos com freqüência. As pessoas que adotam esse modo de viver na prática cotidiana perdem a energia e podem tornar-se apáticas. Se esse mau hábito se juntar ao de embalar com freqüência, muitas vezes o corpo se entorpece.

O comportamento nos bailes deve ser impecável. Tratar com polidez e urbanidade a todos que fizerem parte do mesmo

ambiente é a regra. Jamais descuidar da civilidade em ambiente público. Nas companhias de tantas pessoas, poderá haver algumas cuja educação seja imperfeita. Um dos maiores defeitos que pode ter uma senhora é o arrebatamento e o trato rude ou mesmo pouco delicado. O coração de uma jovem deverá refletir a prudência e a delicadeza próprias do sexo feminino.

Enfim, o recolhimento doméstico e o emprego nas ocupações em casa devem, quase sempre, merecer preferência à moça honesta e discreta. Quando se recolher ao aposento destinado ao dormitório, deve mudar de roupa com recato. Ter todo o cuidado na disposição do cobertor, de modo a ficar decentemente composta.

À moça em sua juventude ou nubilidadade sugere que não procure nas modas afetadas e muitas vezes ofensivas à moral e à saúde um falso atavio à fisionomia. Que a jovem consulte seu coração. Não se deixe levar pelos elogios. Se estes forem proferidos por lábios femininos, “sabei, minhas filhas, dissimular o natural contentamento com um modesto sorriso que indique não terdes ficado ensoberbecidas por essa lisonjeira apreciação”. Agindo deste modo conseguirão desviar a inveja daquelas que, menos favorecidas pela natureza, julgarem ser em desabono aos seus “o elevado conceito de vossos predicados” (GONDIM, 1910, p. 37).

Se a jovem estiver com disposição para exercer “a delicada e afanosa missão de esposa e de mãe, aceitai a proposta daquele que, na opinião de vossa família, vos há de conduzir à felicidade”. Isto porque a escolha do consorte pode e deve ser confiada a alguém que, transpondo a acanhada esfera social de uma pudica donzela tenha adquirido o conhecimento preciso para antever a conveniência da união. “A escolha da consorte, porém, compete somente ao homem que, a par da sociedade tenha infiltrado no peito sentimentos de respeitosa simpatia, pelos quais fosse induzido a fazer essa escolha” (GONDIM, 1910, p. 39-40).

Os laços matrimoniais são indissolúveis. Portanto, para contraí-los é necessária a maior prudência e circunspeção, que dirijam a uma escolha acertada. Cautela, pois:

1 – na idade senil, o homem não poderá fazer a completa felicidade da família de que venha constituir-se chefe; por mais vantajosa que pareça a sua união a mulher núbil deverá rejeitá-la;  
2 – o homem dissoluto, impudente, arrebatado e de maus costumes é detestado por toda a sociedade moralizada que o evita. Como não será a família, a quem terá de dirigir?

Para a mulher casada, Isabel Gondim lembra que seu destino não lhe pertence, desde que assumira esse estado. Perante a sociedade, surgem novas obrigações. Obrigações sagradas “para cujo fiel desempenho todas as vossas forças devem convergir”. Dedicar-se inteiramente “àquele que tem superioridade sobre seus destinos, que os partilha, e a quem lhe cumpre ajudar, consolar e acompanhar em qualquer ocasião que necessite”. O respeito e o amor mais dedicado ao marido, escrupulosa composição em sua presença, o maior desvelo por tudo o que possa interessar-lhe particularmente devem atrair o coração e assíduos cuidados da mulher casada. Entretanto, “se tiverdes a desventura de encontrar um péssimo marido, que olvide os deveres de fidelidade, amor e respeito contraídos convosco, não deis a conhecer o natural ressentimento e redobrai de atenções para com esse imponderado consorte” (GONDIM, 1910, p. 46-50).

O conselho de Isabel Gondim é a resignação. Suportar o procedimento do marido e não buscar a represália, que é imprópria das almas generosas. Dissimule suas faltas. Quem sabe, talvez consiga transformá-lo no chefe perfeito da casa e da família. É o pensamento da escritora: “Assim, minhas filhas, foi estabelecida a sociedade doméstica, que encerra tantos e tão amenos atrativos, e na qual a mulher sensata poderá prestar relevantes serviços ao gênero humano” (GONDIM, 1910, p. 54).

Finalmente, à mulher mãe, Isabel Gondim aconselha que a melhor parte dos cuidados deva ser para a criação e desenvolvimento dos penhores do amor conjugal. O tenro filho não deverá ser esquecido um instante sequer pela mãe que saiba compreender sua sagrada missão. Ela aconselha às mães a leitura de obras sobre educação, que muito pode auxiliar na tarefa de educar os pequeninos seres sob a sua responsabilidade. Livros

de autores como Almeida Garrett e Jean Jacques Rousseau apresentam considerações dignas de séria atenção, principalmente para a mulher mãe, primeira educadora de seus filhos. “A educação é o que constitui a formação moral do homem; aperfeiçoa as faculdades, impele as suas ações para o bem e molda-lhe o procedimento durante a vida, formando-lhe o caráter” (GONDIM, 1910, p. 54).

Com este entendimento, Isabel Gondim mostra o papel que a mulher mãe desempenha na sociedade, responsável que é pela primeira fase da formação do caráter de seus filhos e sua carreira na sociedade.

Embora disponha apenas da segunda e terceira edições do livro *Reflexões às minhas alunas*, observo, por meio dos prefácios que a própria Isabel Gondim escreveu, o empenho da escritora com a integridade da obra e as formas de apropriação de seu conteúdo pelas jovens, seu público preferido (MORAIS, 2003). Havia a preocupação em corrigir as imperfeições observadas nos textos, pensando naquelas leitoras para quem se destinavam esses escritos.

## Às senhoras portuguesas e brasileiras

Quanto à escritora Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1885), a preocupação fundamental era com a leitura de romances e a preservação da moral católica da jovem, para quem se dirigiam seus cuidados. Neste artigo, a intenção única é com a análise do seu texto *Às senhoras portuguesas e brasileiras*, dado o realce de sua escrita sobre a leitura de romances. Colaboradora do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, publicado em Lisboa, dirige-se às senhoras de Portugal e do Brasil alertando-as para o perigo dessas leituras de conteúdo duvidoso. A escritora reconhece que muitas mulheres têm escrito romances bastante aplaudidos; entretanto, explica que elas não tinham em mira instruir, nem moralizar a mocidade de seu sexo e sim granjear um nome na literatura.

Salienta que com os livros que ela mesma escreveu, *A filha de Jephté* e *o Anjo do perdão*, procurou dar um impulso a este gênero de romance; todavia lhe faltou habilitação e tempo. Apelava então para as escritoras, suas companheiras, que trilhassem esta

senda e estariam concorrendo para o engrandecimento do nosso sexo, ampliando a instrução e a moralidade. Cumpre às mulheres — que conhecem mais do que os homens o coração feminino — escrever romances para a mocidade, em vez de gastar tempo em fúteis passatempos. A escritora escrevia:

Muitos falam contra os romances como leitura prejudicial à mocidade e pouco proveitosa como fonte de conhecimento. Porém, apesar de quanto se tem dito, continuam eles a ser lidos ainda pela maior parte daqueles que reconhecem sua pouca importância, e formam quase exclusivamente a biblioteca das senhoras que dedicam algumas horas à leitura, não se contentando em cuidar somente de modas e enfeites. O que fazem, portanto, aquelas que não querem restringir-se à vida insípida e material de dona de casa? Pegam em um romance e procuram uma agradável distração enquanto o corpo descansa. Infelizmente, porém, o que elas muitas vezes aí encontram são perigosas teorias que matam os são princípios de moral que beberam nas sábias lições maternas; terríveis paradoxos, confirmados por fatos imaginários, que se apresentando com os arrebiques dados por hábeis pincéis, e vistos à luz fantástica de uma imaginação exaltada, facilmente seduzem um espírito inexperiente (BITTENCOURT, 1885, p. 60-72).

Segundo sua opinião, existe verdadeiro perigo em certas leituras. Neste texto ela examina (p. 60-72) os romancistas mais populares do século XIX das literaturas francesa, brasileira e portuguesa.

Alexandre Dumas apresenta as grandes damas da antiga corte de França “de costumes tão livres que quase se aproximam das mulheres públicas; mas ao mesmo tempo dá a seus atos escandalosos tal colorido de nobreza, e por assim dizer de cavalheirismo, que lhes disfarça muitas vezes a hediondez”. Refere-se, talvez, ao livro *A dama das camélias*. Eugène Sue — que escreveu, entre outros, o folhetim *Mistérios de Paris* — “inculca muitas idéias perniciosas contra a religião e a ordem social”. Ponson du Terrail — que publicou em folhetins *As aventuras de Rocambole* — “apresenta-nos, romanticamente ataviados, certos tipos que nunca deverão servir de modelo à jovem de quem se pretende fazer uma virtuosa

mãe de família”. Montepin — Xavier Aymon, conde de Montepin — ergue certas cortinas, “leva-nos a certos lugares onde jamais deverá entrar, mesmo em pensamento, uma menina recatada”. Os livros de Julio Verne que “em nada ofendem a moral”, já não são lidos com o mesmo interesse, lamenta a escritora.

José de Alencar, “nosso ameno romancista que com sua poética linguagem tem patenteado a nossos olhos as belezas e magnificências das plagas brasileiras à luz de sua fecunda imaginação, é em geral um escritor decente”. Entretanto, quando descreve a vida selvagem mostra cenas um pouco desnudadas e cria certos perfis de mulheres “altivas e caprichosas” que fogem ao padrão do que se espera da representação da jovem em sociedade. A escritora alude aos romances do referido José de Alencar: *Diva* (1977), *Senhora* (1990) e *Lucíola* (1990). Mulheres que flutuam nos salões e demonstram determinação não são exemplos a serem seguidos pela jovem oitocentista. O perigo reside na imitação da arte, da vida de romance para a vida real.

Alexandre Herculano — escritor português que do seu repertório consta o romance *Eurico, o presbítero* — é possuidor de rica linguagem e idéias sãs e a moral religiosamente respeitada. A advertência reside na exaltação das paixões que empresta a seus personagens “e leva a vingança e o ciúme ao mais alto grau”.

Ela é enfática quanto ao desaconselhamento deste tipo de leitura. Compete exclusivamente às mães velar na escolha da leitura de romances para as jovens.

Embora a escritora fosse uma severa crítica deste tipo de romance, em seu lugar ela colocou outros que, na sua concepção, ajudavam a fortalecer a moral da juventude. Em sua opinião, o romancista espanhol Enrique Perez Escrich que escreveu *O martírio de uma esposa* e *O mártir do Gólgota*, podia ser lido sem perigo. Ela entende que suas obras podem servir de passatempo moral e proveitoso às jovens senhoras e senhoritas. Acrescenta: querendo qualquer mãe de família proceder a uma escolha rigorosa de livros “a biblioteca de suas filhas fica reduzida a bem poucos romances” que elas possam ler com gosto e proveito.

Anna Ribeiro esclarece que muitas mulheres escreveram romances; mas é incontestável que “não tinham em mira instruir,



nem moralizar a mocidade de seu sexo e, sim, granjear um nome na literatura”. Ela mesma escreveu *A filha de Jephthé* e *O anjo do perdão* e pensava em dar impulso a este gênero de romance; mas faltam-lhe as habilitações e o tempo. Por isto faz um apelo às companheiras “que trilhem esta senda honrosa, onde terão a glória de concorrer para o engrandecimento do nosso sexo”.

A escritora Anna Ribeiro era uma leitora bastante cultivada. Mesmo afastada de Salvador, quando retorna à sua vida campestre, mantinha-se atualizada. Recebia catálogos das livrarias e assinaturas da revista *Dois Mundos* e do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, do qual era colaboradora.

Apesar de apontar a leitura do romance como prejudicial à mocidade, mais especificamente às mulheres, conhecia todos os romances que ela mesma execrava. Passeava pela literatura brasileira, portuguesa e francesa com bastante propriedade. Em sua opinião, Alexandre Dumas, Eugène Sue, Ponson du Terrail, Montepin, Alexandre Herculano e José de Alencar eram escritores cujas leituras seduziam as almas inexperientes das leitoras do século XIX.

A reprodução de um diálogo que Machado de Assis estabelece entre as personagens Helena e Estácio, no romance homônimo, é emblemática:

— Pensa que gastei toda a tarde em fazer crochet? — Perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.

— Não?

— Não, senhor, fiz um furto.

— Um furto!

— Fui procurar um livro na sua estante.

— E que livro foi?

— Um romance.

— *Paulo e Virgínia*?

— *Manon Lescaut*.

— Oh! Exclamou Estácio. — Esse livro...

— Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.

— Não é um livro para moças solteiras...

— Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa (MACHADO DE ASSIS, 1972, p. 52).

Conforme está posto, o diálogo é ficcional, mas bem ao gosto do que as escritoras Anna Ribeiro e Isabel Gondim alertam. A leitura de romances trazem em seu bojo perigosas teorias e põem em risco os princípios de moral assimilados no convívio materno. *Manon Lescaut*, cuja primeira edição data de 1731, em Amsterdã, não era uma boa leitura. Neste livro, o escritor francês Abbé Prévost narra a história de um jovem bem-nascido que arruína sua vida por causa de uma cortesã: Manon Lescaut.

Entretanto, *Paulo e Virgínia*, que tem a sua primeira edição em 1789, do também escritor francês Bernardin de Saint-Pierre, consta do repertório de leitura recomendável a todas as jovens solteiras e casadas. Narra o idílio de dois jovens reintegrados ao contato com a natureza. Esse livro é citado em vários romances do século XIX — além do romance *Helena* — como em *Atheneu*, de Raul Pompéia.

Embora Jean-Jacques Rousseau (1994, p. 35-36) afirmasse que uma moça honesta não lê livros de amor, isto afirmado nas cartas de dois amantes habitantes de uma cidadezinha ao pé dos Alpes, com o título *Júlia ou a nova Heloísa*, publicado com grande sucesso em 1761, esta concepção muito influenciou o pensamento corrente do século XIX acerca da leitura de romances pelas jovens oitocentistas.

## A boa leitura e a intenção moralizante das escritoras

Um anônimo R.C.M. escrevia no periódico *A Saudade* (1861, p. 41) que não é fácil escrever dos contemporâneos com retidão e critério, porque movem-nos ao erro, preconceitos e simpatias. Somente quando “já volveram os séculos por sobre a lousa de um ilustre finado, o crítico mais calmo, menos predisposto a juízos antecipados, grava com o burel e não pinta a capricho”.

Portanto, quando se escreve sobre aspectos referentes à sociedade brasileira das últimas décadas do século XIX e início do XX, o que ressalta aos olhos são os códigos de moral vigen-

tes que ainda estavam longe de admitir a prática indiscriminada da leitura, tanto para homens quanto para mulheres. Boa parte das tensões com as quais as mulheres do período investigado conviviam perdeu hoje em dia sua principal fonte de significações. Embora as tensões e os conflitos caracterizem qualquer forma de integração social, eles mudam conforme mudam as sociedades. São aspectos que dizem respeito ao Brasil daquele momento histórico.

Mudam as configurações. Novas formas sociais trazem novas maneiras de abordar os problemas na sociedade.

O precioso em História é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhas de vista, indispensáveis e ricas de notícia. Testemunhas e não juízes e advogados (CASCUDO, 1999, p. 34).

Apesar disso, permanece a lição de que se apreende melhor a configuração de nossa própria história de vida quando se aprofunda a história de vida de mulheres que pertenceram a outras épocas. A análise dos textos de Anna Ribeiro e Isabel Gondim permite essa apreensão e também põe em evidência que “a escala de valores a que estamos ligados é um dos elos da cadeia de pressões sociais a que cada um de nós está sujeito” (ELIAS, 1986, p. 49).

Um olhar atento sobre a trajetória destas duas escritoras mostra que elas estiveram no cenário literário e histórico por várias décadas e utilizaram-se da imprensa e das editoras do Rio de Janeiro e de Lisboa, suas cidades. Não esquecer, por exemplo, que Isabel Gondim publicou três edições do seu livro *Reflexões às minhas alunas* (1874, 1879, 1910): duas no Rio de Janeiro e a última em Natal. Os outros livros, já especificados, mas que não são objetos deste estudo, tiveram suas publicações registradas entre os estados de Pernambuco, Rio de Janeiro e Natal. Anna Ribeiro, por sua vez, tinha o espaço do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* ao seu dispor, os jornais *Gazeta de Notícias da Bahia*, *Diário da Bahia*, e as revistas *A Paladina do Lar*, *A Voz* e *O Mensageiro da Fé*.

Permanecem, ainda, no cenário da atualidade por meio de pesquisadores interessados com o estudo de biografia, memória, literatura e história. Cito apenas alguns exemplos:

*Uma senhora de engenho no mundo das letras: história, memória e identidade cultural em Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1843-1930)* (OLIVEIRA, 2008); (LEITE, 2005), *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)*; *A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro* (FONTES, 1995); *Isabel Gondim: a educação enquanto prática de vida* (MORAIS, 2001); *Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher* (MORAIS, 2003).

E, finalmente, o presente artigo, no qual pretendi estabelecer uma análise comparativa entre as duas intelectuais oitocentistas, entre aproximações e distanciamentos.

Estas escritoras, nos respectivos espaços social e geográfico, difundiram suas maneiras de pensar, escreveram livros e contrapuseram-se à idéia reinante de que a mulher brasileira do século XIX e início do XX vivia alheia à realidade política e social do País. Os interesses comuns que as uniam, embora não se conhecessem, a mesma configuração política e social, representaram o cenário de suas conquistas. Elas fizeram suas respectivas histórias. Caracterizaram a historicidade de seus textos, a publicação, as edições e o momento histórico da educação e da literatura no Brasil, durante o período em que foram as atrizes principais nos palcos em que puderam atuar.

Em ambas existia o empenho de apresentar modelos, a fim de que as jovens pudessem se espelhar. Elas desvelaram suas personalidades de observadoras da vida real e do mundo da ficção.

Compostura e decência, palavras corriqueiras para os códigos de moral que prevalecem. A interdição da nudez exposta, mesmo na vida privada. Culto que se observa até nas orientações quanto à roupa de dormir, no pudor, no extremo recato diante do marido. De não se permitir sonhar languidamente numa rede. O perigo de tornar-se apática, predisposta a certas práticas, talvez perniciosas para as convenções dos tempos. Aonde poderia levar tudo isso? À repressão do corpo, à repressão dos devaneios. O alerta para vigiar a leitura de romances que desenvolvem a razão e a sensibilidade são aspectos bastante difundidos no século XIX. São lições que estas escritoras tentam passar a suas alunas e leitoras.

Por intermédio de suas lembranças engendram-se concepções, pontos de vista próprios daquele espaço social e que se incorporam ao presente texto. Leituras que mostram diferentes momentos que viveram, enquanto testemunhas e participantes ativas na construção da sociedade letrada brasileira.

A história da vida privada era algo ainda indevassável. Um outro eu que se constituía. O que existia mesmo eram ditames de conduta para as mulheres, que são exemplos de domesticação do corpo e da alma, atrelados a uma teoria que relativiza a inteligência feminina. Igualdade de gênios, de condição social, de fortuna e de idade são supostos parâmetros que detectam a harmonia entre os sexos.

Os textos destas escritoras apontam vários caminhos de pesquisa. Incitam desejos de mergulhar fundo na corrente em busca de outras escritoras: se não da Bahia e do Rio Grande do Norte, então de outros estados da Federação, no confronto de idéias, de outras comparações. Quem são elas? Como são tecidas suas histórias de vida?

Conforme se sabe, todo livro é um tempo e um espaço preciosos, uma seqüência ininterrupta de referências e de reverências, uma viagem sem volta que empreendi com satisfação. Com a mesma satisfação, concluo esta análise sobre Isabel Gondim e Anna Ribeiro, escritoras oitocentistas, que criaram vida e eternizaram-se por meio das vozes longínquas aqui evocadas, que caminharam comigo ao longo deste texto. São vozes distantes de um passado irreversível que se incorporam à história do tempo presente, num amálgama perfeito entre o pensar, o agir e a tessitura desta narrativa.

## Referências bibliográficas

ABBÉ PRÉVOST. *Manon Lescaut*. Paris: Librairie Générale Française, 1972.

ASSIS, Machado de. *Helena*. São Paulo: Editora Três, 1972.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Diva*. Rio de Janeiro: Dicapel, 1977.

\_\_\_\_\_. *Senhora* (cotejado com a edição original B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1875). 18. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BITTENCOURT, D. Anna Ribeiro de Góes. O Romance – Às senhoras portuguesas e brasileiras. In: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886*. Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1885. p. 60-72.

\_\_\_\_\_. Abigail. Romance baseado na Sagrada Escritura. *Folhetim do Diário da Bahia*, Bahia, 1921. 103 p.

\_\_\_\_\_. *A filha de Jephthé*. Tirado da Escritura Sagrada. Salvador: Tipografia A Rua da Alfândega, n. 31, 1882.

\_\_\_\_\_. *Letícia*. Romance original. Salvador: Litografia, Tipografia e Encadernação Reis & C., 1908.

\_\_\_\_\_. *Contos*. Bahia: (s/ed.), [s/d.], 101 p. (Cópia datilografada do Arquivo Privado da Fundação Clemente Mariani).

\_\_\_\_\_. Anjo do perdão. *Gazeta de Notícias da Bahia*, Salvador, 1885.

\_\_\_\_\_. *Longos serões do campo*. O Major Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992a. 1 v. (Organização e notas Maria Clara Mariani Bittencourt).

\_\_\_\_\_. *Longos serões do campo*. Infância e juventude. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992b. v. 2. (Organização e notas Maria Clara Mariani Bittencourt).

BITTENCOURT, Maria Clara Mariani. Introdução. In: BITTENCOURT, D. *Longos serões do campo*. O Major Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992c. 2 v.

CASCUDO, Luís da Câmara. *A República*, Natal, 23 nov. 1934.

\_\_\_\_\_. *História da cidade do Natal*. 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999.

CABRAL, Anna Mariani Bittencourt de. Prefácio. In: BITTENCOURT, D. Anna Ribeiro de Góes. *Contos*. Bahia: s.ed. s.d. 101 p. (Cópia datilografada do Arquivo Privado da Fundação Clemente Mariani.)

ELIAS, Norbet. *A sociedade de corte*. Trad. Ana Maria Alves. Lisboa: Estampa, 1986.

FONTES, Nancy Rita Vieira. A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1995. Dissertação de Mestrado em Letras.

GONDIM, Isabel. *Reflexões às minhas alunas*. 3. ed. Natal: Tipografia de A. Leite, 1910.

\_\_\_\_\_. *A lira singela*. Rio de Janeiro: Imperial Duco, 1933.

\_\_\_\_\_. *O preceptor*. Recife: Imprensa Industrial, 1923.

\_\_\_\_\_. *O Brasil: poema histórico do país*. 2. ed. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1913.

\_\_\_\_\_. *O sacrifício do amor*. Drama em cinco atos. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia Comercial, 1909.

\_\_\_\_\_. *Sedição de 1817 na capitania ora Estado do Rio Grande do Norte*. Natal: Tipografia da Gazeta do Comércio, 1908.

\_\_\_\_\_. *Elementos de educação escolar: para uso nas escolas primárias de um e outro sexo*, 1885. (Manuscrito.)

LEITE, Márcia Maria Barreiros. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher*. Natal: Terceirize, 2003. (Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte, 1. Col. Mossoroense).

\_\_\_\_\_. Isabel Gondim: a educação enquanto prática de vida. In: \_\_\_\_\_. (org.). *A mulher em nove versões*. Natal: EDUFRN, 2001. p. 13-28.

\_\_\_\_\_. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. Uma senhora de engenho no mundo das letras: História, memória e identidade cultural em Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1843-1930). *História em Reflexão*. Dourados, v. 2. n. 3, jan-jun, 2008. (Revista Eletrônica de História – ISSN: 1981-2434).

R.C.M. Revista biográfica do século XIX. Primeiro estudo: fisionomia da época. *A Saudade*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 41-42, 23 jun. 1861.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou a nova Heloísa*. Cartas de dois amantes habitantes de uma cidadezinha ao pé dos Alpes. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Paul et Virginie*. Paris: Brodard et Taupin, 1975.

---

Recebido: 30 de maio de 2008.

Aceito: 4 de agosto de 2008